



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

**GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE**

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista Realizada em: 11.10.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistados: Roberto Hugo Bielschowsky

Responsável pela transcrição: Kaline Faria de Araújo e Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros (bolsistas)

Carlos Gomes: Professor, é o seguinte: o nosso interesse maior, o que nós estamos colhendo aqui, é no âmbito da Universidade. Contudo, é impossível falar só da Universidade, porque, geralmente, quando a pessoa vem para cá, já tem uma militância anterior. Então, é isso que a gente quer saber: quando começou a sua militância até chegar à Universidade. Daí por diante, é aquilo que o senhor quiser dizer.

Roberto Hugo Bielschowsky: Bom, neste departamento é até mais fácil, porque a minha militância começa aqui em Natal. Foi antes de 1978, eu...

Conceição Fraga: Você chegou aqui em 1978?

Roberto Hugo Bielschowsky: Eu cheguei em 1978. Na verdade, o meu curso de graduação, que é uma coisa que até me vergonha um pouco, foi no Uinhos de Itajaí. Então, quando cheguei lá foi em 1976, na época branda dos militares e na escola de

Itajaí. Era clima na minha época. Em 1978, eles começaram apertar aqui e ficou complicado. Mesmo assim, terminei meu curso, depois fiz Matemática no Rio de Janeiro e entrei em crise existencial. Eu tinha uma participação em projetos amplos, coisas muito bem localizadas, uma participação política mais efetiva. Eu tinha interesse, tinha certo impulso em assuntos da esquerda, a partir de 1978 ou 79. Mas sempre uma coisa mais de espectador, digamos. E quando eu cheguei aqui, vi que a democracia teve um espaço para desabrochar e o que acontecia era muito interessante, pois, para mim, era uma grande aprendizagem chegar aqui naquela época, que foi um momento em que claramente os militares iam se encolhendo um pouco e a democracia avançando.

Carlos Gomes: 1978?

Roberto Hugo Bielschowsky: Isso, em 1978. Então, até 78 era fácil o retorno, era comum o retorno. Outra coisa, o tenente demitiu uma pessoa porque a ASI chegou e passou para ele o cargo, assim ele o demitiu. É, a partir de 78, essa foi a minha fase, pois, apesar de eu ter pouca militância, eu era um jovem de 30 anos e tinha envolvimento com as entidades mais jovens e mais velhas. Então, eu cruzei com muitos estudantes, passei seis semanas no CET. Acho que foi em 78 isso. Acho que era Paulinho o presidente do DA. Eu me lembro de que Boca Livre estava na moda aqui em Natal, e como eu conhecia o David e tinha o contado, eles toparam em fazer o show aqui. Foi engraçado, pois a gente colocou cartazes em todos os lugares. Boca Livre, Boca Livre, para o pessoal ir ao show do Boca Livre. O presidente do DA foi chamado na sala do reitor para explicar que história é essa de Boca Livre [risos].

Carlos Gomes: É bom!

Roberto Hugo Bielschowsky: Então foi o que me motivou. Você estava no DA nessa época?

Conceição Fraga: Não, eu sou de 1982.

Roberto Hugo Bielschowsky: Você é de 82.

Conceição Fraga: Mas, qual é a intervenção dessa história?

Roberto Hugo Bielschowsky: Até hoje eu não sei se Boca Livre veio tocar na exporia ou não. Mas era verossímil, porque o Gomes Lima era um Sargento.

Carlos Gomes: Mas o Boca Livre veio?

Roberto Hugo Bielschowsky: Boca Livre veio. Fez um show lindíssimo naquela sala que, naquele tempo, era o laboratório de Física. Foi um show bacana. Assim era muito clara a presença da ASI, você tinha a sensação que eles estavam na sala de aula e que tinham algumas pessoas em sala. Eu tinha certeza disso. Isso foi em 1978, esse semestre foi o meu azar, é como mostra o cenário. Eu nem quero dizer os nomes das pessoas, mais o fato é que eu tinha duas alunas que fizeram a prova muito igualzinho. Assim $2 + 2 = 5 + 2$, eu dei “D” nas provas delas e elas foram reclamar. Eu disse: dei “D”, mas vocês mereceram um menos “D” e, pelo menos, poderiam colar direito. Uma delas era filha de alguém da reitoria e começou a pressão muito forte. No meio do ano, por exemplo, eu iria para CBTC. A CBTC era o grande acontecimento ali, e a diretora do centro falou: “olha, tenho recebido pressão e acho que era bom você se ausentar daqui”. Eu entendi o porquê. Na verdade, eu nem queria colocar a professora Terezinha na reta, pois, de fato, ela era uma pessoa muito correta com todo mundo. Ela estava recebendo pressão e sentia a obrigação de falar. Ela estava muito mais do nosso lado. Como pessoa, ela era uma pessoa boa, teve vários momentos que mostrou isso. Mas, nesse caso, ela recebia pressão e passava. Então era isso, não querendo incriminar pessoas, mas, ao contrário, ela contou o fato. Ela recebeu a pressão que acontecia, ainda com poucas pessoas. Eu andava de cabelo grande, usava sandália havaiana. Não tinha nada de uma pessoa que gradasse a ASI, e que o reitor queria ter a imagem em sala de aula [risos].

Patrícia Wanessa de Moraes: Hoje não é.

Roberto Hugo Bielschowsky: Era um pouco para esse lado também. Mas, ao mesmo tempo, comecei a me envolver com as questões políticas. Foi um período muito interessante aqui no *campus*, acabei no PSC. Já estavam querendo que eu fosse

demitido. Então, tudo bem, vou para Índia depois. Para Índia mesmo? [risos] Mas, de qualquer maneira, não me demitiram e eu tenho certeza que, no segundo semestre, tinha alguém da ASI na sala de aula, por um ou dois recado que recebi, não por ela, vocês sabem. Comecei a avisar os alunos e aos outros mestres disso. O problema é que sempre tem alguém da ASI na sala, mas essa pessoa da ASI ouvia de forma errada. Olha só, quem contou falou como se eu tivesse falado em sala de aula. Então, de fato, 1979 foi um ano muito difícil dentro da Universidade, por causa dos atos de repressão. Acho que nós temos histórias muito ruins durante 78, 77, e a partir dali, acho que já era uma coisa que se organizou. 78 foi o primeiro ano que na SBPC, a ANDES, se reuniu com grandes pessoas para formar uma associação docente. O SPBC era uma coisa inegável. A partir de 79, tenta-se ter reuniões ordinárias, a ANDES foi surgir em 80, acho que foi a primeira reunião da ANDES foi aqui, em 80. Naquela época era a ANDES, hoje é o ANDES. Eu gostava mais quando era a ANDES. Mas, é cada história, como dizem Sérgio Cabral e Sérgio Cabral “Pai”, o melhor o carnaval sempre é o de antigamente.

Carlos Gomes: [risos].

Roberto Hugo Bielschowsky: Quando eu tinha 18 anos, era ótimo. Mas, de qualquer maneira, ela é uma coisa muito bonita mesmo. Era um nascimento, uma construção de uma cidade de natureza sindical, mas, ao mesmo tempo, as pessoas colocavam de maneira interessante, você tinha uma confluência muito grande, todo mundo na academia tinha uma identidade contra os militares, você tinha uma grande confluência e conselheiros antiquados para todos os partidos. Você tinha naquela época o Butão, o Mercadante nas lideranças.

Carlos Gomes: Havia uma motivação naquele tempo.

Roberto Hugo Bielschowsky: Ah, é.

Carlos Gomes: As organizações se fortaleciam, pois havia motivação. Hoje não há. Então essas conquistas foram somadas pelas motivações.

Roberto Hugo Bielschowsky: Existiam os objetivos de inspiração militar. Tinha a bandeira que era além de todas as bandeiras, ter características da esquerda e de várias facções, então é claro que havia o foco, era a criação das Casas Lucraticas. Lucraticas eram organizações mais de esquerdas, tinham uma visão mais de esquerda, sonhavam com a derrubada revolucionaria dos militares ou coisa assim. Mas era uma coisa mais no sentido juvenil e a grande briga que existia, as coisas que esquentavam, era o que você iria fazer a mais nas casas lucraticas. Mas a ANDES não. No começo da ANDES, eu acho, aquelas grandes polêmicas que passava e permeavam no sutil não estava muito ali, hoje entrou muito mais. E, por incrível que pareça, as experiências hoje entre as seguintes correntes que existem na esquerda, digamos do Hugo Manso, eram muito mais relevantes do que na época. Você sempre tinha experiências importantes, tinha correntes que criavam peleias por uma direção, o PT por outra, Hugo e sua trupe por outra. No CGP, você tinha experiência ali. Você tinha essas duas organizações dentro da ANDES, mas era uma coisa que se começava. Nós tínhamos colágenos aqui em Natal, em 1981, muito interessantes. Nós tínhamos colégios eleitorais, em uma sala estava o Milton Lima Neto como candidato, puxando a circulação da CUTI; a outra sala era Piguele, era o candidato puxando a circulação em torno da liderança basicamente do partido comunista. Enfim, na época, o grande Doutor Gajas, que ainda era dessa de correios sindicais, tinha outras coisas do tipo também. É, e Mercadante foi o grande conservador daqui, que começou com uma chapa só. Isso não tinha muito sentido naquela época. Por mais que tivessem diferenças, não eram diferenças como as de hoje, que são diferenças num aspecto mais profundo. Por incrível que pareça, a realidade da época comportava menos as diferenças com haviam no meio estudantil. Tudo bem, mas, do ponto de vista da luta democrática aqui na cidade, eu acho que o movimento estudantil teve um papel importante, pois começou com muita qualidade nesse período de 1978, 79, 80. Eu acabei acompanhando muito de perto. Acho que, em 78, foi Moisés, depois o João foi o segundo, Cristian depois. Era um movimento de muita qualidade, lideranças muito importantes. Eu estava no PT em 80, eu tinha um diálogo muito bom com Cristian, com João Emanuel. Era uma coisa muito clara que, na hora do... [risos]. Se bem isso é muito sutil, mas estava no dossiê, o que não era muito diferente.

Carlos Gomes: O senhor veio de onde?

Roberto Hugo Bielschowsky: Eu vim do Rio de Janeiro.

Carlos Gomes: Do Rio de Janeiro. Mas cursou a universidade aqui?

Roberto Hugo Bielschowsky: Não, não. Eu fiz engenharia no Rio, fiz mestrado em Matemática no Rio também, passei um ano e pouco na Bahia, depois vim para cá.

Conceição Fraga: Mas o senhor é carioca?

Roberto Hugo Bielschowsky: Passei uma temporada no Rio também.

Conceição Fraga: Mas você é carioca?

Roberto Hugo Bielschowsky: Sou carioca. Nasci em 1948, então morei 26, 28 anos no Rio.

Carlos Gomes: Então você chegou aqui como professor.

Roberto Hugo Bielschowsky: Sim, com o cargo de professor. Eu conhecia muita gente aqui, porque eu fiz...

Conceição Fraga: Doracy era daqui.

Roberto Hugo Bielschowsky: Doracy é daqui, mas eu a conheci depois. Junto com Jany, terminei o meu mestrado e comecei o meu doutorado em Matemática Aplicada. Matemática no Brasil é muito recente. Na verdade, o grande cisma de Matemática vai ser em 1970,71, assim disparado. Então, todo mundo passou por ali. Eu conhecia muita gente daqui, muita gente de Recife também, eu até tive uma oferta do Recife e outra para cá. Eu até ofertei a oferta dos dois, dizendo que queria 15 dias para pensar, mas, na verdade, eu fui a Pirangi e passei 15 dias na praia.

Conceição Fraga: Pensando.

Roberto Hugo Bielschowsky: Eu já tinha decidido ficar aqui, mas eu estava pensando [risos]. Eram as minhas férias e eu tinha que decidir, na verdade, eu estava pensando mesmo. Para mim, era claro que eu queria uma coisa mais tranquila.

Almir Bueno: Eu.

Roberto Hugo Bielschowsky: Sim.

Carlos Gomes: Você hoje é professor de Engenharia?

Almir Bueno: Matemática.

Roberto Hugo Bielschowsky: Não, Matemática. Na verdade, eu sou engenheiro por formação, mas nunca exerci a Engenharia.

Carlos Gomes: Ah, bom.

Roberto Hugo Bielschowsky: Sou professor de Matemática, eu fiz o meu doutorado em Matemática.

Almir Bueno: Perdi o começo da sua fala, fui resolver uma causa lá com João. Não sei se o professor Carlos Gomes chegou a citar o motivo propriamente da sua convocação, além da questão da sua participação no centro. Eu considero o professor Roberto Hugo uma das cabeças mais sensatas no movimento docente e geral também, com as análises de conjunturas que ele faz. E você chegou a ser citado pelo...

Juan de Assis Almeida: Milton Alves, servidor da ASI.

Carlos Gomes: Quem?

Juan de Assis Almeida: Milton Alves, aquele que vende mel.

Almir Bueno: O pipoqueiro.

Carlos Gomes: Ah.

Almir Bueno: O pipoqueiro. Ele disse: não que o professor Roberto Hugo...

Juan de Assis Almeida: Não, ele falou que Adriel Lopes Cardoso perseguia muito o professor Roberto Hugo.

Almir Bueno: É.

Carlos Gomes: Ele falou. Disse que era evidente a presença da ASI até dentro da sala de aula. Mais especificamente, você chegou a ser chamado por algum ato, decreto?

Roberto Hugo Bielschowsky: Não.

Carlos Gomes: Ou era só aquela coisa velada?

Roberto Hugo Bielschowsky: Vou disser que isso era um conjunto de relatores, que existiu a partir de 1979, você sabia que eles estavam ali. Prontos para qualquer coisa, mas eles não tinham muitos espaços. Aconteciam coisas muito interessantes no secretariado do Bosco. Eu me lembrei de uma cena com o Bosco, eliminável que foi no Centro de Convivência, e mostrava o quando não havia espaço para repressão. Imagino que Diógenes da Cunha Lima, então reitor daquela época, se posicionou para que tivessem jubilado o Bosco, porque se inaugurou o Centro de Convivência e era justamente no centro de Convivência que os estudantes estavam pedindo uma sala para o DCE. Ele não deu. Os estudantes pediram o direito de se manifestarem na inauguração. E, nesse negocio do Centro de Convivência, veio o governador do estado, Rogério Marinho, o Senador, o Ministro do...

Juan de Assis Almeida: Patativa Celeste esteve aqui?

Roberto Hugo Bielschowsky: O quê?

Carlos Gomes: Patativa Celeste esteve aqui?

Roberto Hugo Bielschowsky: Sim, Patativa Celeste esteve aqui.

Carlos Gomes: Eu estive em uma reunião, passei duas horas ali no Centro de Convivência.

Roberto Hugo Bielschowsky: Patativa teve uma presença fantástica, estive sua casa uma vez. Ele era um personagem maravilhoso. Lembro-me de que veio o Ministro da Educação, o General...

Carlos Gomes: Ludwig.

Roberto Hugo Bielschowsky: Ludwig, veio o General Ludwig. E tinha uma orquestra que iria tocar. O Bosco era uma das pessoas mais criativas que já conheci na minha vida, muito criativa. Ele fazia teatro de improviso, eu dizia uma coisa e ele já inventava alguma coisa na hora, era impressionante. Ele usava a questão política de maneira interessante. Ele trabalhava com teatro de rua, em Mãe Luíza fez coisas interessantes. Ele montou o seguinte espetáculo, a seguinte cena: quando o reitor iria anunciando a orquestra que estava passando, ela montou uma tropa de gente marchando atrás do reitor.

Carlos Gomes: [risos].

Roberto Hugo Bielschowsky: Isso sendo filmado pelo Ministro, Governador, Senador, marchando. O reitor ficou meio atônito, saiu do palco. Ele interpretou um diálogo entre o reitor da Universidade do Rio Grande do Norte e o Ministro Ludwig. Era ele com ele mesmo, ele colocava um quando falava como Ministro e colocava aqueles chapéus de Reitor.

Conceição Fraga: Mas não é aquele, o Luiz Cariri, esse rapaz fazia psicologia, eu acho.

Roberto Hugo Bielschowsky: É, não é o Bosco aqui.

Carlos Gomes: Sei, sei.

Roberto Hugo Bielschowsky: Bem, esse é psicólogo. Ele ficou ali, com o Ministro de Educação e o General, dando bronca no Reitor, fazendo continência. Ele esculhambou os dois, pegava os cacoetes dos caras. E o Reitor não conseguiu revidar. Pelos menos, não sei por que vias, ele não fez nada com Bosco. Ele continuou e o Reitor deixou pra lá.

Carlos Gomes: O Bosco era estudante ou professor?

Roberto Hugo Bielschowsky: Estudante.

Carlos Gomes: Era estudante.

Juan de Assis Almeida: Professor, só uma coisa: o professor Roberto Hugo conta que, a partir de 1979, não houve casos de repressão aqui na Universidade.

Roberto Hugo Bielschowsky: Você tinha...

Juan de Assis Almeida: Porque a gente sabe de casos de demissão de professores por indicação da ASI, até em 1971 mesmo. Direitos da ASI em 77, 78, nesses dois anos. Então a gente vê caso de Alfredo Santiago, Lailson de Almeida, Reinaldo Barros, no período de Domingos Gomes de Lima.

Roberto Hugo Bielschowsky: Isso, eu acho que o Diógenes, de alguma maneira... eu não sei se por natureza ou por alguma concepção dele, ele até era muito duro, nós da ADURN achávamos ótimo. Uma vez a gente deu a ele uma medalha de grande mobilizador, por que ele mobilizava todo mundo. Bastava você provocá-lo que falava

uma besteira e mobilizava todo mundo. Era o grande mobilizador. Mas ele, quando teve a greve dos estudantes em 1980, querendo reprimir, foi aos Centros para pedir às pessoas que botassem falta, que fizessem prova com aquela greve, era um absurdo. Quando ele chegou aos Centros, começou a levar pau, o pessoal começou a bater nele. Só sei que para mim, ele disse que as coisas eram assim e tal. As planilhas de “xerox” não eram mudadas e os meninos queria que fosse tal valor, mas era tanto. Houve uma discussão. Eu coloquei que não era bem verdade que o custo do “xerox” era esse, porque ele era assim, e nós tínhamos todos os dados. Ai ele disse: “você está me chamando de mentiroso?” Respondi que não, que estava dizendo que não é bem verdade isso. Ele cismou, ficou vermelho.

Carlos Gomes: Era questão de Matemática [risos].

Roberto Hugo Bielschowsky: Para ele, era uma ofensa à autoridade dele. Era muito autoritário, não sei se por natureza dele. Acho que ele era autoritário, mas tinha certo limite, ou porque não permitia mais. Acho que aqui existia até um avanço que não se tinha em outro espaço. O fato é que, mesmo com o Domingos, em 1978/79... provavelmente ele deve ter pensado que esse cara não poderia estar aqui, porque isso é um atentado aos bons costumes. Mesmo que fosse por ali, pois ele anda com estudantes. Mas não fui demitido, eu acho que fui um dos primeiros que não foi demitido. Até 77, eu me lembro de que em 78, eu ouvi histórias de pessoas que foram demitidas. Eu não sei se em 78 mais. Teve algum relato de 78 ou 77?

Juan de Assis Almeida: 1976/77, a gente tem.

Roberto Hugo Bielschowsky: É, eu tenho a impressão disso. Ocorreram várias demissões, o Domingos Gomes de Lima era um Sargento mesmo.

Conceição Fraga: Eu gostaria de fazer um comentário: a sua presença aqui é bem sintomática de um grande mito da política. Assim, parece que na época da ditadura, as pessoas que caíam eram das áreas de Humanas, elas eram mais envolvidas e tinha mais repressão lá. Isso é fato. Agora, áreas de Exatas têm uma característica muito interessante. Não por acaso, Justino Guimarães, se eu não me engano, era da Geologia e

era um personagem importante na luta. A área de Exatas tinha uma coisa: a política energética dos militares provocava uma grande discussão entre os estudantes. Então, uma das características do movimento estudantil era discutir política. Diferente do que muita gente pensa, áreas de Exatas não eram a parte, não eram alheias, elas não ignoravam o regime militar, elas discutiam dentro de suas características. Discutia-se política energética, eu me lembro até da questão da energia nuclear, que era um debate muito intenso na Química, na Física. Lembro-me que até tem um professor das Ciências Sociais, chamado Homero... a irmã dele, Carmem, fazia Química. Eu ainda “peguei” Carmem, eu estava entrando e a Carmem saindo. E até roubar o livro. Carmem tinha um livro em mãos e me passa até hoje que ser parabiótico era uma forma de probiótico. Era uma forma de recrutar, de conhecer, uma das características era essa. Outra coisa que é muito interessante, Roberto: área de Exatas tinha um papel importante nos colegiados, na estrutura na dinâmica do movimento na Universidade. A disputa pelos colegiados era muito intensa, nas Exatas vivia-se muito isso. Lembro-me inclusive de outro fator que quero chamar atenção: era o papel de referência dos professores, mobilizando os alunos. Você tinha um professor como uma grande referência clara, que não era qualquer professor, era aquele que como Roberto e outros, que tinham e eram a grande referência. A mulher de Roberto também era estudante. Então a gente vinha para reunião dos colegiados e se sentia na dúvida se tinha chegado atrasado e não estava entendendo nada. Quando o colégio levantava a mão, iramos propor com eles e depois eles iram questionar o porquê de termos voltado [risos]. Porque era bem militante, eram acompanhados e tinha uma posição muito correta, íntegra, como outras aqui como a Margarida Barbosa, Justina Iva, eram personagens.

Carlos Gomes: Margarida Barbosa.

Conceição Fraga: Eu confesso, professor, que desde que deixei de ser aluno, não tenho ouvido falar na professora Margarida.

Carlos Gomes: Porque, de repente, ela desapareceu.

Conceição Fraga: Eu passei 10 anos fora e ela se aposentou. Então, tinha essa história de admiração que os estudantes tinham por esses personagens, professores que

mobilizaram muito. Um dos sintomas era um pouco isso, o professor estava metido nas ações aqui, estava metido no 1ª de maio, estava metido nas organizações dos sindicatos. Roberto Hugo era um pouco esse personagem que encontrávamos aqui, que estava lá na banda do 1ª de maio, estava lá nas panfletagens do sindicato e dos comerciários, que é aquele primeiro que nós temos, era um grande sindicato. Acho que para entender a dinâmica dos movimentos aqui dentro é preciso compreender o papel dos colegiados para entender o que era essa universidade, como também o papel que estudantes tinham na representação dos colegiados era fundamental. Isso porque, querendo ou não, os professores tinham emprego e o estudante era mais livre. Os debates eram conduzidos pelos próprios professores e os estudantes cumpriam o papel puxado de dizer, de colocar o dedo, de mostrar... enfim, a pergunta que faço para você é sobre as lembranças que você possa ter disso e como era. É uma curiosidade muito pessoal: você participou da organização do PT aqui, local, no estado?

Roberto Hugo Bielschowsky: Sim.

Conceição Fraga: Porque a gente tinha também no Partido Comunista aquelas coisas de fora do grupo local que ajudavam muito na construção, na reconstrução dos partidos locais. E, no caso do PT, na construção do partido local, se por acaso você participou, eu gostaria que comentasse um pouco essa experiência.

Roberto Hugo Bielschowsky: São duas coisas. Uma coisa interessante é sobre essa questão das composições dos colegiados. As participações nos colegiados é uma grande bandeira do movimento estudantil, mas, em primeiro lugar, está mais situada nas pessoas. Na greve de 1980, a primeira greve nacional dessas pessoas, foi a grande festa democrática e a gente tinha então vários trabalhos como estatuídos. Era para a gente fazer o estatuto da Universidade. E, ao olharmos aquela proposta, nos preocupamos com vários erros, era uma coisa enorme. Durou um tempo, depois vimos que não funcionava direito, mas a gente teve a preocupação fundamental que era como essa característica de democratização da estrutura da Universidade. Isso é antes não acontecia. Houve um processo democrático, mas que acabou tendo eleição para reitor que não era democrática, continuava sendo uma indicação do ministro. Na verdade, por Lei, uma eleição é por consulta, eu acho que até hoje é assim. Continuavam inviabilizando

qualquer intenção de indicação e acabou se encerrando por aqui. Consolidou-se uma constituição local no sentido disso, uma das formas mais diversas em prol disso, em particular, dos estudantes. Pois, a participação estudantil até hoje é um pouco complicada, ter estudantes participantes em departamentos e centros é raros, eles nem vão. Quer dizer, você tem um espaço importante, e eu acho que alguns alunos de alguns cursos utilizam, e outros nem vão. No meu departamento, eles nem vão, não vão nem nos centros. É um pouco vazio esses espaços. Em relação ao PT, foi um grande encantamento aqui. Eu me lembro que chegou aqui em 1981, em junho. Não puxei nada, entrei acompanhado. Acho que foi o Geraldo e o Mineiro que chegaram a mim. Agora, recentemente, eu encontrei com o velho Cesário, uma figura maravilhosa. O PT era muito geral naquela época, ele era um líder sindical, uma pessoa do povo, muito simples, com um grande histórico e muito divertido também. Eu passei a viajar com ele, na verdade, era quase motorista dele. A gente ia para os lugares, eu explicava algumas coisas e ninguém entendia nada o que eu falava. Ele explicava e as pessoas entendiam. Depois eu aprendi que era melhor eu falar pouquinho e passar a palavra a ele. Era muito simples, ele queria explicar, por exemplo... pode ser que eu esteja incorreto do ponto de vista da História, afinal, eram muito partidos: Partido Trabalhista, Partido Trabalhista Brasileiro, Partido dos Trabalhadores... mas, prestem atenção: o Partido Trabalhista é de trabalho; o Partido Trabalhista Brasileiro é do trabalho; quem é do trabalho? É o patrão, Partido Trabalhista só tem um. Eu jamais conseguiria explicar uma coisa dessas. Era mais fácil a comunicação para ele. Então, eu tive esse encantamento de conviver com o pessoal do campo, que era a base do PT naquele primeiro momento, que foi a parte executiva do partido. Eu saí em 1982, já perto das eleições. Tinha basicamente o pessoal do campo. O presidente do partido era o Ferreira e lá estava o Geraldo Guedes, o Mineiro, eu estava também. Acabei me afastando no segundo semestre, aquela coisa que seria um absurdo naquela época. Porque eu era tesoureiro do partido. Na verdade, naquela época, o partido não tinha dinheiro, então eu não precisava fazer conta [risos]. Você fazia festa, show ou coisa assim para arrecadar dinheiro. E eu não tinha tempo para dar aula, aí eu arrumei de ser candidato a alguma coisa, não fiz campanha porque o meu candidato era outro, José Gonçalves, que era um sapateiro em Mãe Luíza. Era mesmo, tinha mesmo que resistir, não tinha recurso nenhum. Se eu fosse dar aula em cada época, seria um horror nos últimos semestres. Então era isso, o tempo era mútuo de reconstrução de todas essas entidades democráticas e partidos políticos. No caso do PT, de construção, para se conviver em um espaço de democrático. E você tinha um

debate muito rico entre as várias correntes que tinham ali, que eram as correntes que estavam no meio estudantil, então foi um convívio muito interessante e rico. Mas os trabalhadores em geral eram ótimos, chegavam às reuniões e se começava aquela polêmica em torno da cidade. Daqui a pouco saíam da união, dando bronca em todo mundo. Que negócio de ficar com essas conversas aqui? Passavam a bronca e pronto. Foi para mim um período importante. De fato, para mim os meus alunos sofreram um pouco, pois eu vivia atrasado, mas as aulas eu dava direitinho, eu só me afastei no segundo semestre de 82, porque de fato eu não consegui.

Conceição Fraga: Era uma característica daquela época, Cristian foi candidato e teve zero ponto. PC ficou atrás dele e ele passou uma semana na praia.

Roberto Hugo Bielschowsky: Mas eu tive uma sorte tremenda, pois tiveram pessoas que perceberam que eu não poderia ficar sem voto. Tive muitos colegas que votaram em mim, eu consegui ainda uns 30 votos. Mas eu mesmo não votei em mim.

Conceição Fraga: E Cristian, nem voltou nele mesmo.

Roberto Hugo Bielschowsky: Mas eu tive dois amigos que iriam ficar sem voto, isso não poderia ser, pegaria mal. Mas eu mesmo não votei em mim mesmo, votei em José Gonçalves. Era uma pessoa maravilhosa de Mãe Luíza, morava lá e tinha 70 anos de idade. Eu não tinha como, eu que o lancei, não tinha como não apoiá-lo a vereador.

Carlos Gomes: O senhor tem vivido ultimamente a militância na rede política da Universidade?

Roberto Hugo Bielschowsky: Muito pouco, muito pouco. Assim eu acompanho um pouquinho da ADURN. Eu converso que eu estou andando muito mais na torcida, sem muito interesse na política. Focou-se muito claramente com essas coisas de sindicatos. Os sindicatos mudaram com o tempo, hoje existem muito mais um sindicatos de defesa de corporação do que apropriadamente um sindicato que vai tentar traduzir o campo da luta sindical e o que seria isso tudo. Então a gente fica com uma impressão ruim.

Almir Bueno: Então eu acho já que se falou que tinham duas associações em São Paulo: a Associação dos Professores, que era combatível e que não poderia ser sindicato, era apenas associação; e tinha o Centro de Professores Paulistas, que era mais assistencialista que hoje seria a ADURN e APURN, e hoje se vê melhor as diferenças.

Roberto Hugo Bielschowsky: Não acho, na verdade, a ADURN e APURN sempre tiveram uma convivência muito boa, até porque sempre APURN se preocupou em ser um clube e a ADURN não queria ser clube, queria ser sindicato. Então era um casamento perfeito, porque não houve competição. Eram motivações diferentes.

Almir Bueno: Poderiam se fundir até.

Roberto Hugo Bielschowsky: É, ainda bem que não.

Almir Bueno: Questão de patrimônio.

Carlos Gomes: Professor, quais são as perspectivas que o senhor vê hoje nesse ambiente sindical aqui na Universidade? Eu estou perguntando isso, pois estou aposentado, e estou um pouco afastado. Perdi o fio da meada. O que o senhor está achando dessas coisas, pensando no futuro?

Roberto Hugo Bielschowsky: Essa pergunta é muito difícil, confesso. Depois de 65 anos, posso dizer coisas de conservadores, de reacionários, sem medo de ser muito infeliz. Mas eu tenho um sentimento que no Brasil, a importância sindical de muitas categorias de estado está em condições de trabalho muito ruins. A consciência sindical tomou um rumo muito complicado, visto que, depois de 1984 – já não era João Figueiredo –, esse negócio de articular em conjunto os servidores – não só eles, mas também das várias categorias – acabava em várias greves gerais. E em 84, os sindicatos tinham se descoberto em fazer greves em conjunto. Então a articulação com os federais era complicada. Em 87 e 88, me julguei um pouco inocente. Na década de 90, quando voltei do doutorado, tomei um susto. De repente, a grande bandeira era os servidores públicos em uma greve em conjunto. A princípio, a ideia é boa. No congresso de Portarias em 82, o ANDES foi descoberto e coincidi-o um pouco com as lideranças

sindicais. Essa articulação mais horizontal é muito interessante no meio político. Mas o que acontece na verdade é que essa coisa serviu para passivar as categorias e ter um maior poder de repressão nas categorias menores. Certamente, Polícia Federal, Receita Federal, essas categorias têm grande poder de barganha. Você sabe que o governo acaba cedendo para elas e deixa as pessoas no poder o tempo todo. Eu fiquei com a impressão depois um tempo, dado as diretorias de sindicatos que... não sei se digo isso... eu vou dizer! Que tudo bem que os servidores públicos federais precisam defender o interesse dos seus trabalhadores. Mas, dada a natureza dos estados brasileiros, acho que a grande questão é quem defende a sociedade e os sindicatos federais. Estou com esse pressentimento que fica uma coisa muito cooperativa, disputas cooperativas. No lado político, facções com diferenças políticas. Acho que essa questão agora que é atitude de carreira, o discurso de carreira virou um sindicato para o salário e espaço sindical para as duas correntes. O meu sindicato acabou tomando outras características. Na Universidade, na década de 1970, 80... desculpem-me, final de 80, é que, de certa maneira, as tensões se dissolveram e houve uma democratização muito grande no espaço interno, isso conduziu sonhos e uma boa parte decidiu voltar para academia. A questão política não era tão relevante internamente, era mais sindical. Outra parte era de formação política mesmo, tipo Mercadante, Aluizio, o Doutor Hora Neto e vários outros. Fazer uma política universitária, que é em um espaço que se abria para pessoas que também vinham da luta sindical, daquela luta pela democratização... então, uma parte era do ciclo acadêmico, outra parte fazia academia. Juntavam-se os dois mundos e acabou ficando no canto da esquerda, que ficou meio no “gueto”. Então, é um mundo de fantasia. E eu acho que o político entrou aí para se contrapor a isso, mas acabou sendo versos a versos renegado. Desculpem-me e pedem-me para corrigir, mas é outro lado da medalha. Ou seja, de um lado da medalha você tem pessoas mais para esquerda. O que vejo é isso, mas eu posso está enganado. Vou dizer uma coisa: corre o risco é de virar excessivamente, entrelaçados com o passado, não sei se o governo, então um espaço de queda politicamente. É claro que isso sempre foi uma característica pensando na Universidade. O campo político tem a vantagem de não pensar no concreto, o outro que vai ser da Universidade depois da revolução. Então eu me vesti um pouco mais para o último lado, eu vou viver isso.

Conceição Fraga: E no meio dessa.

Roberto Hugo Bielschowsky: Agora, eu acho que no lado de cá não se corre o risco de vazamento, porque esse vazamento da década de 1980 é real. É um desinteresse das pessoas pelos sindicatos, então você vai ter grandes quadros políticos ocupando aquele espaço e ter um vazamento nos dois campos. Então eu acho que a tendência do movimento sindical dos Federais vai dando condição de uma carreira razoável. A categoria briga por sei lá o que, brigam por salário, que é importante, mas, se você olhar essa última greve, a disputa pelo salário aqui no Brasil, se você comparar com a da França, é razoável.

Carlos Gomes: Houve um tempo aqui.

Roberto Hugo Bielschowsky: Você ver uma coisa que as pessoas não têm algum para lutar. Eu fiquei com a sensação que já tinha, na década de 1980, um grande vazamento sindical por conta desses cafifes internos. Acho que estamos tendo o segundo *round* aqui de disputa internas, mas eu acho também que é a minha impressão de vazamento dos *campus*. Agora, vai ter sempre aquele interesse dos direitos trabalhistas. De vez em quanto...

Conceição Fraga: Muitas medidas, concordando e desacordando, se basearam no discurso sindical vindo das universidades, como, por exemplo, evitar o financiamento de muita coisa nesse período de renovação. Então, você ver que se esvaziou completamente o sentindo. Agora, feita também uma ótica do momento, você ver a crítica em outra ordem.

Roberto Hugo Bielschowsky: Mas, a ANDES também foi um problema, porque é uma coisa completamente descolada da natureza da Universidade, é uma coisa que tem um viés que você tem que esperar, mas é muito minoritária, muito isolado. E se você for interrogar o pensamento, as pessoas não pensam daquele jeito.

Conceição Fraga: Acho chegará o momento em que terá que se discutir pela regulamentação das grades dos serviços públicos. Qual é o papel do serviço público?

Carlos Gomes: Já era para ter sido feito.

Conceição Fraga: Quando fizerem isso, sim, o bicho vai pegar. Porque não tem sentido em um processo de redemocratização determinadas posturas em que você vê o povo morrendo e não atende. Por que está em greve?

Roberto Hugo Bielschowsky: Tem umas formas.

Conceição Fraga: E os líderes sindicais têm coragem de dar entrevista sobre isso.

Roberto Hugo Bielschowsky: O nosso reitor conta que em certa conversa com um sindicalista português. Ele ficou muito interessado em saber como é que os sindicalistas brasileiros consegue fazer greves três, quatros meses. “Deve ser uma coisa de uma organização fantástica, o fundo da greve muito bem organizado”, ele falou. “O fundo da greve não é não”, respondi. “Como assim, não é não? As pessoas não têm essa reserva?” “Não”. “Mas, por quê?” Respondi: “as pessoas ganham salário”.

Carlos Gomes: As pessoas ganham salário.

Roberto Hugo Bielschowsky: Então, ele disse: “puxa vida, como? Isso é uma piada? Isso não é uma piada de português, é uma piada para português” [risos].

Carlos Gomes: Os horizontes também são preocupantes. A Universidade deixou de ser aquela organização à frente de seu tempo, que influenciava até a política geral. Hoje você não ver a Universidade participando de coisas relevantes ou até auxiliando fundamentalmente na administração. Nós estamos vivendo em uma crise no estado do Rio Grande do Norte, mas não falta dinheiro. Falta gestão.

Conceição Fraga: Exatamente, gestão.

Carlos Gomes: A Universidade deveria estar presente até formando esse povo.

Conceição Fraga: Os estados brasileiros são estados ricos. O que não é bom é a gestão.

Carlos Gomes: Pois é. Eu vejo as contradições, inauguraram a super sala com ar-condicionado e cabo para ligar TV, e vem para organizar a copa. E uma mulher morreu ontem porque seis ambulâncias estavam paradas, pois as macas estavam indisponíveis. Coisas incoerentes.

Conceição Fraga: E você fica irado.

Carlos Gomes: A Universidade no meu tempo era foco, ela condizia o pensamento da gestão, era uma coisa que tinha influência na sociedade. Hoje, não. Está certo que do ponto de vista interno, científico, ela tem profissionais, tem procurado melhorar. Mas, e a comunidade externa? Eu sou pessimista, vou nem falar nisso, pois sou pessimista por natureza mesmo.

Conceição Fraga: Essa é a visão que as pessoas se preocupam muito. A CAPES só pensa em produzir, produzir em orientar e sei lá o quê. Então o problema social ninguém está discutindo, mas dizem: “eu estou orientando”. Você não está discutindo com a sociedade, você está orientando aquele fulano.

Carlos Gomes: Os grandes temas eram trazidos para a Universidade.

Roberto Hugo Bielschowsky: Claro. Vocês vejam, na área de Exatas houve um movimento muito interessante de jogar essas pessoas para os setores de renovação, de maior articulação com a Petrobras, com impressas de *royalties* do petróleo. Tem todo um espaço de intervenção ali que é importante. Você tem também nessa coisa dos sem-terra, tem muita gente trabalhando ali, fazendo coisas familiares também. Então eu acho que não é uma coisa tão... todo mundo está articulado nisso. Você sabe. Mas, antes era mais do que hoje.

Conceição Fraga: Eu acho o seguinte: as pessoas estão mais como um indivíduo daquele projeto e, inclusive, com bolsa, e sendo muito bem pagas aqui do que a instituição provocando ou combinando esse detalhe.

Roberto Hugo Bielschowsky: É verdade

Conceição Fraga: E o desenvolvimento do estado não está na Universidade. Qual são as fontes energéticas? Na economia, quais são os gargalos? Esse grande debate não existe mais. Os debates são bem pontuais e faltava naquele trabalhinho que eu estou fazendo. Entendeu?

Almir Bueno: Eu preciso pedir licença, pois eu vou para Caicó.

Carlos Gomes: Boa viagem, professor.

Roberto Hugo Bielschowsky: Eu preferiria que...

Carlos Gomes: Então, muito bem.

Roberto Hugo Bielschowsky: Eu gostaria de pedir desculpas pelo meu atraso.

Carlos Gomes: Não, não, não. Deu tudo certo, porque nós tivemos o outro.

Roberto Hugo Bielschowsky: É, vai chegando perto do final e o despertar biológico fica.

Carlos Gomes: Professor, então o senhor tem a palavra para outras considerações.

Roberto Hugo Bielschowsky: Eu gostaria muito de agradecer a você pelo convite. Acho que não tenho muitas histórias fantásticas, como João Emanuel. Mas aqui tem coisas mais articuladas, mais organizadas. Acho interessante essa tentativa de construção de memória.

Carlos Gomes: O senhor falou sobre o clima que havia, o professor Almir tem razão. Nós falamos muito da repressão brava, do começo, mas também houve o momento importante depois da repressão. Ele foi feliz, em dizer, que também vamos ouvir alguém depois disso.

Roberto Hugo Bielschowsky: É, eu achei que vocês só focassem. Tinha uma coisa notável ali. Podia e já estavam fluidos.

Conceição Fraga: Roberto, só se pode compreender um pouco seu papel quando vê que, naquela época, existiam os personagens que eram como o João, que assumia funções, lideranças e existiam aqueles caras que pensavam, elaboravam e ficavam feito uma formiguinha nos bastidores. As pequenas reuniões onde disponibilizavam a suas casas, os seus espaços. E você é um pouco esse personagem, você era cargo desse personagem. Estava por trás de tudo e ninguém via.

Roberto Hugo Bielschowsky: No PT, eu era essa peça, eu tinha cargos, eu acho que metade dos cargos do PT era meu [risos]. Eu praticamente mandava no partido inteirinho. Talvez a minha grande participação tenha sido essa.

Carlos Gomes: Professor, foi muito válido e interessante. Isso complementa aquilo que o Almir disse, que a gente tinha mais do passado. E eu puxava mais do passado. O senhor tem 65, eu tenho 74, já passei, já deixei a Universidade desde 2006. Mas, queremos agradecer. Eu cheguei a uma conclusão na minha idade que tudo é válido. Então nós agradecemos a sua presença. Quero dizer aos colegas o que está fixado no nosso calendário: na próxima semana, nós nos reunimos; na outra semana, temos a CIENTEC, nós vamos participar, vamos armar um esquema para dar boa assistência ao nosso estande, fazer bonito. Conforme o calendário, toda sexta-feira a gente volta a nos reunir aqui para começar a formar a história do nosso relatório nos seus diversos períodos: repressão maior, o início da democratização até os dias presente. OK? Então, declaro encerrada a reunião de hoje. E muito obrigado.